



Gilberto Pinto

Gilberto Pinto, natural de Carrazeda de Ansiães, é professor e investigador no Instituto Superior de Engenharia do Porto. Autor de diversas publicações científicas, publicou o seu primeiro romance, *Como Sombras no Muro*, em 2004. Seguiu-se *A Casa da Prelada*, em 2005 e *O Vendedor de Ilusões*, em 2009. *A rapariga que veio do frio* é o seu primeiro romance policial.

Gilberto Pinto

A rapariga que veio do frio

coolbooks

À Cristina e ao Diogo, com amor.

Aníbal

Sou uma boneca partida

Não sei por que razão me continuo a lembrar disto. Uma voz de criança a cantar. Uma rapariga. Ouço-a a cantar e sinto o cheiro do hospital. O cheiro do sangue, e da pólvora.

Caí de joelhos e quebrei

Ouço a voz da rapariga e sei que é uma manhã de inverno. Talvez a ouça para me esquecer do fogo que sinto no estômago desde que apertei o gatilho. Sim, eu sei que disparei. Disparei e fui alvejado pelos guardas. Não tinham outro remédio.

Consigo ver a Curva Grande do rio. Depois vêm os socalcos da Quinta das Garças. Por toda a parte há polícias e homens vestidos de branco. São eles que escavam no Talhão Velho. Não muito longe dali, no meio das estevas, um dos homens de branco para de repente ao pé do pequeno monte de terra que acabou de encontrar. Debruça-se sobre ele, depois olha à volta e começa a contorná-lo. Volta a parar no mesmo sítio, leva um dos joelhos ao chão e começa a limpar a terra das folhas de carvalho. É nesse instante que eu sinto um arrepio.

quarta-feira, 18 de dezembro

Aquela era a parte do trajeto que mais lhe custava, sempre a subir desde o Castelo do Queijo, e hoje estava particularmente difícil, com a humidade elevada e a temperatura a rondar os zero graus. Claro que os sessenta e oito anos de idade também não ajudavam. Mas ele nunca gostara de ginásios, nem de correr durante o dia por causa do trânsito. Olhou para o relógio – estava dentro da média para um dia de inverno. Mais trezentos metros – só tinha de passar as moradias, continuar até aos semáforos, atravessar a avenida, subir a pequena ladeira até à entrada do condomínio e pronto, acabava-se o martírio.

Acelerou o andamento ao chegar à primeira casa. Da última, cinquenta metros à frente, uma luz suave ia iluminando o jardim que a separava do passeio. Era a primeira vez que se viam sinais de vida por ali. Uma sombra alongada e silenciosa era só o que ficava naquele sítio quando a noite caía. Constava que ainda não tinham conseguido vender um único daqueles monstros de dois milhões de euros que mais pareciam navios encalhados em pleno parque da cidade. Mas não podia distrair-se, agora o importante era manter o ritmo da respiração – três passos a inspirar e dois a expirar, numa soma sempre ímpar para alternar a tensão máxima nos joelhos; um ciclo de cada vez.

Dois metros depois da última casa, sentiu o corpo varrido por uma onda de calor, ao mesmo tempo que o pulso disparava e as pernas diminuían o andamento como se tivessem encontrado um lamaçal. Quando parou, tinha o pescoço rígido e ardiam-lhe os olhos do esforço que fazia para não os tirar do cimo da avenida.

Não se lembrava de ter olhado para a casa. Tinha reparado no *Opel Corsa* estacionado do outro lado da rua e no vulto ao volante, imóvel, mas não olhara para a casa.

Mas a verdade é que o fizera. De relance, sem intenção, mas fizera-o. E agora tinha de voltar atrás, não tinha alternativa.

O *Opel* continuava estacionado do outro lado da rua com o motor desligado. Era impossível saber para onde estava a olhar o vulto quieto no lugar do condutor. Apressou o passo para não arrefecer e estacou diante do jardim.

A parede de vidro erguia-se a três metros de distância e, depois dela, abria-se uma sala despida, com refletores junto ao teto a espalharem uma luz difusa nas paredes de granito e no chão de madeira. A pouco mais de um metro do vidro, num sofá de cabedal negro, estava a mulher. Deitada.

Nua.

Podia ser um manequim, uma instalação artística, como se dizia agora. Uma mulher nua com um violino nos braços, o rosto voltado para ele, os lábios semiabertos, os olhos parados num olhar de surpresa. É verdade que podia ser uma obra de arte, se não fosse aquele silêncio.

Sentiu que todos os músculos do corpo tinham acabado de se contrair até ao limite da dor. Olhou à volta. A rua continuava deserta, para além do *Opel Corsa* com o homem imóvel ao volante. Depois voltou a olhar para a mulher. Não havia dúvida de que podia ser uma obra de arte, se não fosse o silêncio que lhe saía dos olhos.

Uma dor começou a apertar-lhe o peito como se o ar que respirava estivesse prestes a desaparecer. Recomeçou a correr.

Instantes depois tinha percorrido os duzentos metros que o separavam dos semáforos e olhava para trás pela segunda vez.

Mal entrou em casa, correu para a varanda. A uma centena de metros em linha reta, do outro lado da avenida, a luz do interior da moradia continuava a cair sobre a relva em frente. E continuava lá

a mulher, deitada no sofá, com o violino em cima do ventre e o rosto voltado para a rua.

Como se falasse com o condutor do *Opel*.

Acabava de entrar na sala quando começou a ouvir o ruído. Voltou à varanda e escutou. O som vinha da Avenida de Montevideu e aproximava-se. Segundos depois, tornou-se inconfundível e atingiu-o com um formigueiro no estômago. Tinha quase a certeza do que estava prestes a contemplar. Em tempos tivera uma, que vendera meio ano depois, ao saber que a mulher estava grávida. Já não podia haver muitas máquinas como aquela, mas ali estava, uma *Ducati 900 SS* negra de 1982, a entrar na curva apertada a uns oitenta quilómetros por hora, a reduzir de quinta para terceira, sessenta e cinco cavalos a apanharem a inclinação e a dispararem outra vez para os cento e vinte. Aquilo sim, era potência.

O condutor parou ao lado do *Opel*, inclinou-se até tocar com a luva no vidro, voltou a arrancar, atravessou a avenida, subiu o passeio e parou em frente da casa. Pouco depois fez meio peão, voltou ao asfalto e disparou pela avenida acima.

Instantes depois, regressara o silêncio. Ele continuou ali, a olhar para o vazio, até o frio se tornar insuportável. Só então regressou à sala e pegou no telefone.

quinta-feira, 19 de dezembro

Leonardo Pedra cambaleou através da sala, levantou a persiana da janela e semicerrou os olhos assim que a luz o atingiu. Sentia a cabeça a estalar quando se deteve na Rua dos Clérigos, quatro andares abaixo. Era difícil ver os passeios por causa do mar de guarda-chuvas abertos; no céu de estanho, três pombas acabavam de fazer um voo rasante aos cabos de telefone que atravessavam a rua e ele seguiu-lhes a formatura rígida até desaparecerem de vista.

Abriu a janela e inclinou-se sobre o parapeito.

Odiava quando as coisas lhe fugiam ao controle. Que dia era aquele? Quarta, quinta... quinta-feira, quase uma e meia da tarde. Apostava que já devia andar meio mundo à procura dele.

Na noite anterior, devia ter fumado uma onça de tabaco e bebido, pelo menos, meia garrafa de *whisky*.

Fechou a janela e cheirou a camisa. Cigarros e álcool. Lembrava-se de ter sido um dos últimos a abandonar o café Chave D'Ouro, sozinho na mesa ao pé da montra. Mas não estivera sempre ali, tinha a certeza.

Por onde tinha então andado?

Tudo por causa da carta. Catorze anos para encerrar o assunto e ali estava ele outra vez, a voltar, sorrateiro, pelas mãos do carteiro que meteu o envelope na caixa de correio.

E onde, diabo, o tinha posto?

Ao atravessar a sala a caminho do vestíbulo, parou para alinhar por tamanhos as bonecas russas em cima do aparador. Depois, vasculhou os bolsos do sobretudo. Ali estava a carta, no bolso de

dentro, ainda intacta, amarrotada e manchada pela chuva. Regressou à janela e fixou a letra redonda de mulher com o início das palavras estilizado e a tinta desbotada em alguns sítios. O selo tinha carimbo de Vancouver. Só um nome no remetente.

Teresita.

Como teria conseguido ela a sua morada?

Percorreu o envelope com os dedos como se estivesse a ler um texto em braile, depois começou a descolá-lo devagar, até que se interrompeu de repente, atravessou a sala com passos largos e voltou a metê-lo no bolso do sobretudo.

Durante os cinco minutos em que esteve imerso no chuveiro tentou recordar a noite anterior. Tinha a certeza de não ter estado sempre no café, mas não conseguia recordar por onde andara.

E havia outra coisa que o incomodava. Algo que começara enquanto procurava a carta nos bolsos do sobretudo. Ainda não conseguia dar-lhe um nome, mas sentia-lhe a presença, subtil, como um animal a mover-se no mato.

Acabara de começar a vestir-se quando reparou na luz verde intermitente do telemóvel pousado em cima da mesinha de cabeceira. Deixara-o ali a carregar ao fim da tarde, disso lembrava-se. Quantas pessoas já lhe teriam ligado?

Voltou à sala depois de vestir uma camisola e um par de *jeans* lavados. Consultou o relógio de pulso – uma e quarenta –, parou em frente ao tabuleiro de xadrez e fechou os olhos. Consequia recordar com facilidade a posição das peças. Não havia dúvida de que a sua memória estava de boa saúde.

Regressou ao quarto e pegou no telefone. Tinha várias chamadas não atendidas. Uma era daquela manhã, de Costa Andrade, o diretor do *Tribuna*. As outras eram todas da noite anterior, a maioria de Júlia. Mas havia uma com o indicativo de Belmonte – da irmã, certamente. Já não se lembrava da última vez que tinham falado.

Por fim, havia a de Paulo Torres, o jornalista que escrevia a página do crime no jornal.

Por que razão tinha meio mundo decidido telefonar-lhe justamente na noite em que deixara o telefone em casa? E logo Paulo Torres, com quem nunca trocara mais do que algumas palavras.

Ainda havia uma mensagem. De Paulo Torres, também.

Abriu-a. No primeiro instante, custou-lhe compreender o que tinha à sua frente. Afastou telemóvel. Voltou a aproximá-lo. A fotografia era a de um vulto encapuçado, tirada a meia dúzia de metros de distância. O vulto estava no meio da estrada, em movimento, com um saco de viagem na mão, a aproximar-se da câmara. A penumbra, no entanto, não permitia reconhecê-lo. A claridade branca vinha da casa por detrás dele, da parede de vidro com as cortinas afastadas.

As mãos de Leonardo tremeram. Junto à parede havia um sofá escuro e, sobre ele, uma mancha alongada, branca, com os contornos indefinidos pela distância. Voltou a concentrar-se no vulto que parecia atravessar a estrada – não valia a pena, era impossível reconhecê-lo. Mas nessa altura, houve um pormenor que lhe chamou a atenção, e quando aproximou o *écran* foi como se tivesse levado um soco no estômago.

Do automóvel, estacionado atrás do vulto, pouco mais se via que uma das rodas dianteiras. Mas não havia muitas rodas de *Mercedes 280SL* de 1970 a circular por aí, sabia-o bem. Nem haveria muitos carros com aquela amolgadela no guarda-lama, junto ao para-choques.

Não, não havia qualquer dúvida. Aquele carro era o seu.